

# Bancos regionais dos EUA reticentes em renovar cerca de US\$ 200 milhões

por Paulo Sotero  
de Washington

A efetivação do acordo de renegociação parcial da dívida externa passou a depender da capacidade do Banco Central (BC) e do comitê de bancos credores, em particular do Bankers Trust, de convencer um punhado de bancos regionais norte-americanos de porte médio e pequeno a renovar cerca de US\$ 200 milhões das linhas interbancárias, os créditos de curto prazo feitos às agências dos bancos brasileiros no exterior. O Bankers Trust é o coordenador do crédito interbancário no acordo de renegociação com o Brasil. Em relação aos empréstimos de longo prazo, já estão garantidos desde o início da semana os 95% necessários. E deve-se chegar a esta percentagem, possivelmente ainda hoje, nas linhas de crédito comercial. Contudo, o acordo só entrará em vigor quando o patamar de 95% tiver sido alcançado em todas as três partes que o compõem.

O BC conseguiu vencer, nas últimas horas, a resistência do último credor recalcitrante da Europa, a Banque de Paris et Pays Bas — Paribas. Não se sabe, contudo, que quantia o Paribas aceitou manter no interbancário, os US\$ 67,30 milhões que representavam seu compromisso inicial no projeto 4 ou os US\$ 49 milhões que vinha de fato depositando até recentemente. Apesar da boa notícia, fontes financeiras ouvidas por este jornal evitaram mostrar otimismo quanto às chances de esta parte do acordo ter as adesões necessárias até a próxima sexta-feira, o prazo previsto para que ele entre em acordo.

O pessimismo dessas fontes deriva, em grande parte, da posição adotada pelo Mellon Bank, de Pittsburgh, Pensilvânia, uma instituição com pouco mais de US\$ 30 bilhões de ativos que figura em décimo primeiro lugar entre os maiores bancos dos Estados

Unidos. O Mellon aderiu à renovação dos empréstimos de longo prazo mas recusou-se a fazer o mesmo em relação aos créditos de curto prazo. Esse banco chegou a ter US\$ 118 milhões depositados no projeto 3, ou seja, nas linhas de crédito comercial, e quase US\$ 47 milhões no projeto 4, os quais reduziu, na última renegociação da dívida, para US\$ 24,7 milhões.

A adesão do Mellon é importante, indicam fontes financeiras, porque ela influenciará vários bancos pequenos que ainda estão fora a mudar de posição. Segundo as mesmas fontes, impacto semelhante teriam as adesões do First Pennsylvania Bank, de Filadélfia, que tem US\$ 5 milhões no crédito comercial e US\$ 10 milhões no crédito interbancário, e do American Security Bank, de Washington D.C., que tem respectivamente US\$ 25 e US\$ 10 milhões.

Ocorre, porém, que ao contrário de pedir tempo para estudar o pedido brasileiro, como fizeram vários bancos contatados nos últimos dias, o Mellon respondeu com um seco "não". Sua recusa inicial estava relacionada com a questão dos empréstimos de 63 aos bancos liquidados pelo BC no ano passado. Depois, contudo, que o banco aderiu à renovação dos empréstimos de longo prazo, os motivos de sua resistência aos projetos 3 e 4 ficaram menos claros. Claro está, apenas, que o Mellon, a exemplo de vários outros bancos, quer aproveitar a oportunidade aberta pelo acordo de renegociação e pular fora do projeto 4.

Por tudo isso, a declaração feita ontem pelo ministro da Fazenda, Dilson Funnaro, segundo a qual o acordo está fechado e em vigor, causou certo espanto entre alguns banqueiros familiarizados com a situação. "Isso não quer dizer que ele não possa estar em vigor até a sexta-feira. Mas hoje ele não está. E as coisas me parecem difíceis", disse a este jornal uma fonte bem informada.